



ABAG/RP propõe campanha para prevenir o fogo em áreas agrícolas e de preservação

O incêndio que destruiu pelo menos 50 hectares da mata de Santa Teresa, em Ribeirão Preto, área de preservação com fragmentos de mata atlântica, comprova a situação dramática que a região tem vivido neste inverno seco em função dos incêndios em áreas de preservação e agrícolas.

Por esse motivo que a ABAG/RP, cumprindo seu papel institucional, resolveu propor a união de forças e uma ampla campanha de prevenção e conscientização contra os incêndios no campo que, muitas vezes são acidentais, mas em outras, criminosos.

Na região, onde predomina o plantio da cana-de-açúcar, uma bituca de cigarro jogada inadvertidamente na beira da estrada pode acarretar consequências negativas ambientais e econômicas. Uma plantação de cana quando queimada representa prejuízos imediatos e futuros. Na região cerca de 90% da cana já é colhida de forma mecânica, se queimada agronomicamente perde qualidade, pois começa se deteriorar imediatamente e pode

inclusive contaminar a produção quando processada na usina.

Se a queima for de palha de cana já colhida, mais prejuízo, o ciclo da cana futura será atrasado, os insumos aplicados ficam perdidos e o solo descoberto perde umidade e qualidade microbiológica. Além disso, essa área muitas vezes está próxima de Apps e Reservas que quando queimadas, mesmo acidentalmente, devem ser repostas pelo produtor que ainda recebe advertência a até multa dos órgãos ambientais.

Esta foi a razão que levou a ABAG/RP a propor a criação de uma campanha para conscientizar a população sobre os riscos de incêndio provocados por atitudes impensadas como jogar uma lata ou uma simples bituca de cigarro.

Nas usinas e fazendas da região a preocupação é tanta com o fogo que os equipamentos e o pessoal treinado nas brigadas contra incêndios tem aumentado a cada safra, são equipes que ficam de plantão 24 horas por

dia. Otimizar essa força tarefa é outra proposta da ABAG/RP. A princípio, será feito um levantamento de todos os equipamentos contra incêndio que estão no campo, equipamentos das usinas e dos produtores rurais. Depois disso a intenção é que se crie um protocolo de atendimento que inclua uma logística para que quem estiver mais perto comece o trabalho de combate ao fogo. As equipes melhor preparadas vão também poder treinar outras e a localização das equipes pode até ser repensada. Placas devem ser colocadas para avisar sobre o risco de fogo com telefones das brigadas mais próximas.

Não há motivo e nem interesse na queima dos canaviais, pelo contrário, esta é uma situação que prejudica tanto a cidade quanto o campo. Fogo na cana é coisa do passado, a tecnologia mudou o padrão agrônomico dessa cultura que tem compromisso claro com a sustentabilidade tanto, que voluntariamente produtores e usinas aderiram ao Protocolo Agroambiental de São Paulo em 2006.

Eleições 2014



Agronegócio Brasileiro 2014-2022 Proposta de Plano de Ação aos Presidenciáveis

Às vésperas de mais uma eleição e carregando praticamente sozinho os bons resultados da balança comercial brasileira, o agronegócio mais uma vez tem que levantar a bandeira e lembrar aos candidatos a importância desse setor, responsável por 40% das exportações brasileiras, pela geração de cerca de 1/3 dos empregos formais do país e por quase 1/4 do PIB.

A bandeira vem sendo levantada por várias entidades do setor, o Congresso Brasileiro do Agronegócio, realizado pela ABAG em agosto, por exemplo, dedicou um painel inteiro a ouvir os representantes dos candidatos sobre suas propostas para o setor. Todos já haviam recebido o documento Agronegócio Brasileiro 2014-2022 – Proposta de Plano de Ação aos Presidenciáveis, com as principais demandas do setor baseadas em cinco princípios: desenvolvimento sustentável, competitividade, orientação aos mercados, segurança jurídica e governança institucional.

As propostas foram elaboradas por um grupo de técnicos da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sob a coordenação do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, e depois enviadas para diversas entidades para garantir a articulação entre todas elas em torno de propostas unificadas.

O documento foi entregue aos presidenciáveis e também discutido com os candidatos ao legislativo. A versão completa pode ser acessada no site da ABAG/RP: www.abagr.org.br

O agronegócio a cada nova eleição tem que se fazer ouvir, apesar de ser um setor indutor do desenvolvimento, com números expressivos e que onde está presente consegue influenciar positivamente as comunidades. Dados não faltam para exemplificar isso, o mais recente foi a divulgação de um estudo feito pela consultoria Kleffmann que mostrou que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das regiões onde a agricultura está presente é superior ao de regiões “não-agrícolas”.

Prêmio ABAG Mais u produtiva

Em agosto e setembro aconteceram mais três Ciclos de Palestras e Visitas do Prêmio ABAG/RP de Jornalismo José Hamilton Ribeiro, para alunos da PUC/Campinas, Unimep/Piracicaba, Unifran/Franca, Unesp/Bauru e Unaerp e UniSeb de Ribeirão Preto.

Dessa vez os Ciclos mostraram aos futuros formadores de opinião o agronegócio perto de suas realidades oferecendo a eles a oportunidade de conhecer diferentes elos das cadeias produtivas do agronegócio de suas regiões. O antes, o dentro, e o depois da porteira foram exemplificados nas cadeias produtivas do café, da cana e dos grãos.

Dentro da porteira

Cana-de-açúcar – Entender o caminho que a matéria prima percorre para depois ser transformada em etanol, açúcar e energia elétrica, entre outros subprodutos, foi o mote das visitas. Nas usinas Iracema, em Iracemápolis e São Francisco, em Sertãozinho, os futuros jornalistas puderam acompanhar desde uma colheita mecanizada até a geração de energia elétrica.

A surpresa para os jovens foi perceber que a tecnologia mudou a colheita e a vida de quem trabalha no campo, um ex “boia fria”, agora à frente de uma colhedora, tem orgulho de falar de seu trabalho e das novidades do setor. A energia elétrica gerada a partir do bagaço de cana foi um dos temas que mais despertaram o interesse dos jovens, que saíram sabendo um pouco mais sobre o complexo mundo da comercialização de energia no Brasil.

A rotação de cultura cana e amendoim foi o tema da visita na Coplana, onde seus cooperados, pequenos produtores de cana, são grande produtores de

/RP de Jornalismo José Hamilton Ribeiro em mergulho nas cadeias das do agronegócio paulista



amendoim, pois com sua expertise arrendam terras ou fazem parcerias de plantio e tornam a região de Ribeirão Preto a maior exportadora do grão.

Antes da porteira - Pesquisa

Continuando o caminho pelos elos da cadeia produtiva, a Syngenta recebeu os alunos em sua fazenda experimental, em Holambra, para mostrar como acontecem as pesquisas e os experimentos com os agroquímicos e sementes. O centenário Instituto Agrônomo de Campinas abriu suas portas para mostrar suas pesquisas em café e seringueira. Na Unesp de Jaboticabal um tour pelo campus mostrou a diversidade de pesquisas para o setor, do genoma da cana ao reaproveitamento dos dejetos de animais para gerar energia. No Instituto de Zootecnia a pecuária de corte foi o tema.

A Embrapa teve duas unidades visitadas a de Monitoramento por Satélite, onde os futuros jornalistas conheceram os mais relevantes estudos sobre o uso das terras no país, e na unidade de Instrumentação Agropecuária, a ênfase foi para a nanotecnologia aplicada ao agronegócio.



Antes e depois da porteira Máquina

Como não existe o dentro sem o “antes da porteira” os estudantes de jornalismo visitaram a Case IH, em Piracicaba, e a Santal, em Ribeirão Preto onde puderam acompanhar a produção de colhedoras de cana e outros equipamentos. Visitaram também a Tracan, uma revenda Case IH onde puderam contextualizar o setor de máquinas com seus números e importância para a agricultura brasileira.

Agora é reta final. Os estudantes estão prontos para escolherem suas pautas, escreverem ou gravarem suas matérias para concorrer aos prêmios, inclusive um MBA em agronegócio na Esalq.



Slow Brew Brasil

Festival de cerveja artesanal tem o apoio da ABAG/RP

A realização do Festival e Degustação de Cerveja Artesanal de Ribeirão Preto, o Slow Brew Brasil, permitiu que a ABAG/RP pudesse reforçar um de seus principais trabalhos, fazer com que a população urbana se lembre do quanto que o agronegócio está no dia a dia das pessoas.

Por isso a Associação decidiu apoiar o festival que será uma oportunidade para que seus participantes, diretos e indiretos, valorizem o agricultor, responsável pela produção das matérias-primas desse grande “prazer nacional”. Sem cevada não há cerveja de qualidade, e essa matéria-prima está ganhando cada vez mais espaço na agricultura brasileira. Para a ABAG/RP o melhor do Slow Brew Brasil, que acontece nos dias 1 e 2 de novembro, é o conceito que carrega em si: beber devagar, beber melhor, prezando a qualidade e não quantidade.

Além disso, as cervejas produzidas na Capital Brasileira do Agronegócio usam também, em



alguns sabores especiais, produtos do agronegócio regional como o café e a rapadura. A antiga capital do chope, terra da mais famosa cervejaria do Brasil hoje tem apenas microcervejarias, algumas já não tão micro e muitas premiadas. A Colorado é a mais antiga, tem 18 anos, e foi também a pioneira em valorizar os ingredientes locais como já faziam as

grandes escolas cervejeiras, hoje produz 150 mil litros por mês. A mais jovem das cervejarias premiadas de Ribeirão Preto é a Invicta, que usa em seus rótulos imagens de monumentos históricos da cidade. Neste ano a cervejaria, de apenas três anos, levou três prêmios no South Beer Cup, sendo dois ouros nas categorias Belgian e French Ale.

Os apreciadores poderão degustar durante o festival em Ribeirão Preto produtos de cerca de 40 microcervejarias nacionais, serão quase 140 rótulos. Além disso, haverá um dia voltado para palestras e conferências sobre a arte de fazer cerveja que depen-

de muito da receita imaginada por seu criador e também da matéria prima que vem do campo, e esse será o tema de uma da palestra que a ABAG/RP vai proporcionar durante o evento.

Nesta safra o plantio da cevada no Brasil chegou a quase 110 mil hectares, segundo a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). Mas, para os pesquisadores da Embrapa Trigo, o país deveria plantar 500 mil hectares de cevada somente para atender a indústria cervejeira comercial, não entram nesta conta as microcervejarias, que são cerca de 200 espalhadas pelo Brasil.

